

A ORDEM

PERIODICO NOTICIOSO, CRITICO E LITTERARIO.



PROPRIEDADE DE JOAO BELISARIO JUNQUEIRA.

ANNO I

Aracaju 19 de Fevereiro de 1873.

NUMERO 2

A ORDEM

Aracaju 18 de Fevereiro de 1873.

Apresenta-se o « Rui » em seu n.º 14 desvoltando em suas columnas editoriais uma questão meramente individual e do exclusivo interesse pessoal.

Releva dizer, que a sua redacção é talvez a única a dar-nos o triste exemplo, desvirtuado a imprensa do fim nobre a que devem encaminhá-lo seus intelectuais e zelosos cultores.

Tais é questão da que se deve ocupar o redactor do « Rui », nas suas columnas exclusivamente suas, essa que se agita entre o Sr. Antônio Fernandes e seu irmão ? ...

Certamente não.

As columnas editoriais de um jornal são sempre reservadas a assuntos, em que o bem público, os interesses gerais se estendem, reclamando a justiça de que foram, porventura, praticados.

Tais são, portanto, que a sua redacção, manejando o que há de melhor em suas prerrogativas, interna-se em questões pessoais, o jornal daquê orgão, não pode dignar um lugar distinto o benefício da opinião pública, porque o seu conteúdo no acudidíssimo recado, propõe a miséria de que subtraem.

Tal é o « Rui ».

O facto que apontamos importa a mais completa negação dos principios em que deve instar-se a mais evidente prova da que não é, em sentido por motivos de necessidade, a essencias de ordem muito inferior ao que devem presidir a criação de um jornal.

Neste sentido torna-se ócio a qualquer tentativa de demonstração, porque o público sabe que a typographia do extinto « Jornal do Povo » foi comprada pelo Sr. Antônio Fernandes com o fim expresso de fazer publicar nos jornaes, tendo por queixa e determinativa razão, a d. saudade que teve com seu irmão. Isto é um facto, e facto não se demonstra.

Não se recomenda melhor o « Rui » a pola sua linguagem inelegante, linguagem que repugna ao leitor desprevedor e desapixonado.

Ja se vê que o « Rui » é o menos competente para apostropar duras.

A « Ordem » não é inspirada tanto em princípios muito legítimos, e não tem, em algum especial, da natureza d'aquele, que produz o « Rui ».

Ela se define como devera, e temos f. quão desmentida unica o seu programa.

Com que fundamentos, pois, vem o redactor do « Rui » dizer que a « Ordem » é dos sr. Fialho e Vianna ? ...

Poderia ser o estabelecimento typographico em que ella se publica, senão trevesse em seu prospecto o nome do proprietário deste estabelecimento.

Mas se assim acontece, como se poderá crer no assessor inexacto do « Rui » ?

A redacção, esta não, que é nossa; exclusivamente nossa, e na qual não tem a minima parte, nem o Sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda, nem o Sr. Vianna,

Por ultimo fique sabendo o redactor do « Rui » que a « Zorra » embora publicada na mesma typographia onde se imprime a « Ordem », tem a sua autonomia própria, absolutamente independente da redacção deste Jornal, e quem o « Papa Moscas » nem o « Moisés » devem deduzir a relação ou o contacto dos dois, nem referencia alguma a ellos.

Não temos culpa que o redactor do « Rui » não comprehendesse o sentido epigrammatico da quadra que este jornal aceitou entre as publicações a pedido, com as quais nada tem que ver sua redacção.

NOTICIARIO

VAPOR — Chegou hontem dos portos do Noroeste o vapor *Penedo*, com destino à Bahia.

TROCA DE JORNAL — Recebemos o *Americano* e a *Fraternidade*, jornais que se publicam nesta capital, redigidos por habilissimos penas.

Si devemos agradecer aos illustres contemporaneos a promptidão com que accorrem a troca, não devemos agradecer-lhes menos o acentuar mais; e, aborios e reconhecidos as penas de amizade que nos dirigiram envoltas em uma bondade tal, que não possa ser senão o encanto da diligencia dos illustres redactores, em atender a quem, como nós, não está no caso de recorrer como um acto de justiça.

COLLABORACAO

Serpente que mordre a cruda

Deixa da resposta do sr. João Fernandes da Faria, Viana de agressões do sr. Antônio Fernandes, julgando as dispensas do compromisso que existiu, de prosseguir na analyse das suas ações, contos de que, não o pudemos fazer em melhores e mais vantajosos resultados.

Revolta o sr. Viana argumentando com a rectitud e prejuízo da conseqüencia de seus actos, não deixando na mão a desculpa acerca dos supostos fundamentos, em que o sr. Fernandes pretende firmar um direito, que não adquiriu.

Mas não é esta a questão, que mais devia preoccupar o espírito publico, senão aquella da qual resulta, à vista das alegrias do sr. Fernandes, que a obra do quartel de I.º Rui não foi feita de acordo com o engenho e que os lucros do estabelecimento não foram licitamente havidos!

Ahi, o sr. Fernandes não foi menos infeliz, porque o sr. Viana, além dos documentos que exhibiu, documentos que não admitem a minima contestação, soube prendê-lo em um círculo, do qual não poderia sair, sem sacrifício da propria honra.

Não ha salvaguarda possivel para o agressor, quanto o agredido em vez de ir buscar novos e pernamentas factos, para defender-se, servir-se das proprias e maliciosas armas, que lhe fornece o adversario.

Foi o que fez o sr. Viana, e folha de modo, a esmagar o sr. Fernandes sob o peso de uma logia

irresistivel, deduzida da sua mesma propriação.

A respeito do sr. Viana, deve, pois, o publico estar satisfeito.

E agora cabella a vez de voltar-se para o sr. Fernandes, exigindo-lhe contas do seu procedimento, cujo fim tão injusto, quanto ilegítimo o lecionou mal, era aniquilar o seu irmão e com ele o digno inspector da Thesouraria da Fazenda.

Mas a verdade é uma, unica e indiscutivel. Edade que se apresenta, innocentando aquelas a quem indevidamente se atribuiu a autoria e exemplificando de factos deprimentes e injuriosos, o seu tudo altamente prejudiciais à reputação do seu funcionario publico.

Venha agora o sr. Fernandes desmentir os atestados do commandante da companhia de infantaria e do engenheiro fiscal da obra do quartel de I.º Rui, dos quais vê-se que ella foi feita de acordo com o engenho, e sem a minima falta.

Venha dizer-nos com que fundamentos assevera que o respectivo contractante auferiu um lucro de 8.000.000 rs. n'quelle obra, e em que firma o seu direito à metade d'elle.

Responda-nos ainda como é que atribuindo esse lucro à origem ilícita, dizendo-o mal adquirido, pretendendo ao mesmo tempo partilhá-lo, a despeito do aresco em que tem a dignidade e a honra, com as quais não pode transigir.

Diga-nos finalmente, si é ana seus esforços, aos sacrificios que fez, com o suor da seu rosto como diz, que o sr. Viana devo os referidos lucros, que alias não esperava ter, ou se com efeito no deu à escandalosa protecção do sr. Fialho, como ao mesmo tempo pretendente fazer crer.

Pois não vê o sr. Fernandes que, como que se estabeleça um raciocinio calmo, isento de paixão, as suas imputações, principalmente a respeito do sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda, se desfazem como bolhas expostas ao ar ? ...

Consideremos um pouco sobre este ponto. A pesar das flagrantes contradições em que cada passo surprehendemos o sr. Fernandes, cremos que elle não negará, pois que fôra o proprio a revelar, o facto da haver procurado a intorfâncio do sr. Inspector, para haver de seu irmão o que elle se recusava dar-lhe.

O sr. Fernandes é ainda quem diz, que nesta occasião manifestara a sua ultima resolução, caso não sortisse bom efeito este recurso, que tentara, como unico meio de acabar pacificamente a contenda. O sr. Inspector, apesar disto, recusou-se formalmente ao pedido ameaçador do sr. Fernandes.

Ora, em alio o que não faria aquelle, que davida um pouco da solidez de sua reputação, assim ameaçada de um perigo iminente.

Deveremos portanto, crer que, si o sr. Inspector da Thesouraria não tivesse limpa a sua consciencia, em vez de conservar-se em uma neutralidade que, sem dúvida viria a ser-lhe funesta, cedencia da melhor vontade ás instâncias do sr. Fernandes, certo como devia estar, do bom resultado da sua intervenção, para com aquelle, que sendo seu complice, corria o mesmo perigo.

Em tais conjecturas estamos certos que o sr. Fernandes tiraria todo o partido, aproveitá-lo, como melhor lho aprovasse, da desvantajosa posição do sr. Inspector, que no sentido de evitar o escândalo, prestar-se-ia á todas as exigen-

elas do sr. Fernandes, com tanto que o público continuasse iludido a seu respeito.

Sim; vamos admitir que o sr. Fialho, cego, pela ambição de adquirir, por meios reprovados, uma fortuna, que estava desesperado de alcançar por meio do trabalho lícito, se deixasse escorregar pelo declive do crime.

Poderia ele pazar com firmeza neste terreno, afrontando as recriminações de sua própria consciência a apontar-lhe o seu erro, a expor-lhe o perigo da facilidade com que sacrificou a um sentimento torpe, o seu presente e o seu futuro, desmentindo ao mesmo tempo as glórias do seu passado, a tanto custo conquistadas?

Não; quem quer que assim procedesse, o seu espírito curvar-se-ia abatido e azebruchado aos influxos de suas próprias reflexões.

Agora, si nesse estrado desvairado, surgisse um sombra impiedoso, terrível e ameaçadora, como surgiu diante do sr. Fialho e do sr. Antônio Fernandes, onde a precisa coragem para reagir? Quem é que não diria tudo quanto houvesse adquirido ilicitamente, e, se necessário fosse, mais alguma conta de suas economias, com tanto que conseguisse prevenir o incêndio, prestes a atear-se?

Entretanto, vê-se que o sr. Inspector procede em sentido contrário, recusando-se obstinadamente a intervir na questão dos dois irmãos; logo o sr. Fialho nada tem a recorrer do sr. Fernandes.

E essa tranquilidade, essa firmeza de vontade e de ação, certo que não se poderá atribuir a um espírito, que vive assaltado de temores, ainda que vagos; mas à sua consciência que desanca a honestidade e a integridade de seus actos.

Por si só, estas considerações oferecerão suficiente base para o pronunciamento da opinião pública em favor do sr. Inspector, se o sr. Vienna no desenvolvimento da questão, por ocasião de responder ao sr. Fernandes, não se pronunciasse maneira a retirar a menor sombra de dúvida, que porventura demorasse em alguns espíritos, publicando documentos que esclarecem e ilustrão a questão de modo a mais não se poder desejar.

Concluindo, repetiremos — o público deve estar plenamente satisfeito com a resposta do sr. Vienna.

Paroxismos do « Raio »

Nunca o desespero de causa produziu mais desastrosos efeitos, nunca a razão atingiu mais pressorosa e mais precipitada ao auge do desvalramento, como na occasião em que, em suas colunas editoriais, o « Raio » n.º 14 tenta um esforço supremo, inaudito, no intuito de oppôr uma controvérsia à ligeira analyse, em que cremos ter mostrado, à luz da evidência, as contradições e absurdos do sr. Antônio Fernandes, na questão suscitada com seu irmão.

Dáhi resultou as dificuldades invencíveis, que se levantaram diante do redactor do « Raio », a quem o sr. Fernandes abençou sua causa.

E este é o único testemunho que nos dá o seu artigo, visto como em seis colunas, que teve ao seu dispor e as quais efectivamente ocupou, nem uma argumentação foi capaz de produzir, de modo a aparentar, ao menos, as incoherências do sr. Fernandes.

Entretanto se diz dizer que o colaborador desse jornal — além de parecer ruivo, deve receber dinheiro pelo arrojo com que se apresentou encarregando-se da defesa de uma causa perdida.

A que vem a « ruíz » do colaborador e queijadas banalidades?

Quanto ao seu interesse, por ventura não estaria n'uma proporção menos vantajosa, menos lucrativa que a do redactor do « Raio ».

Pois se um colaborador ganha na razão de dez, porque não ha de um redactor ganhar na razão de cem?

Se quizessemos perder tempo, illudindo a atenção pública com reparações tais, de certo que não nos faltaria matéria, e havíamos fazê-lo, com sobejá vantagem; mas de nenhum modo convémos abandonar o lado serio da questão para descermos, à essas purulidades, que, se alguma couisa significativa, é a impotência dos esforços empreendidos para a salvação de uma causa condenada.

Tudo mais quanto se lê no estirado artigo de que nos ocupamos é a monotona reprodução da mesma história, acomodada a um sistema de acusação, que não deixa de ser irrisório.

Por exemplo, suspeita-se de um facto, para o qual tivesse concorrido o inspector da thesouraria de fazenda, mas não se declara os motivos dessa suspeita, não se esclarece o facto, e entre tanto censura-se esse funcionário, porque não vem apresentar as provas da sua inocência!... Pois si não ha uma razão, que na ausência de prova legal, constitua ao menos o que se chama prova moral, ou si pelo menos ella não se declina, se o facto não se esclarece, como ha de acusado devaras a intenção oculta do acusador, para defendê-sel?

Pois isso diz o « Raio »: « Não diga o collaborador do sr. Fialho que o sr. Fernandes quer mordê-lo, isto dito assim não passa de expressão vaga, transcreve esses recibos essas folhas de operações das obras administradas para o público, entrar no conhecimento da verdade e conhecer a inocência do sr. inspector. »

Isto dito assim, o que não passa de expressão vaga. Antes que o sr. inspector transcreva os documentos a que se refere o « Raio » não compete, este declarar o que ha respeito delas? se não o faz, como ha de o público, na inscência do erro, entrar no conhecimento da verdade?

Eis como o redactor do « Raio » leva a sua improba tarefa ao ponto de avançar uma proposição, diante da qual, ao mesmo tempo recua, quando reflecte um pouco nos perigos a que se vê expôr.

Em última analyse perguntaremos: devo o funcionário publico estar à mercê de quem quer que aventure uma proposição davídica, indeterminada e vaga sobre documentos, que transcião por sua repartição... devo curvar-me à exigências absurdas e maliciosas de quem, obedecendo a sentimentos menos legítimos, procura abster-me a reputação, quando o público não lhe nega os fatos a que tem feito jus?

Que posição precária não seria esta? Onde nos conduziria um princípio semelhante?

O « Raio » cava um abismo fundo, é verdade; mas onda é o seu próprio a precipitar-se. Temos fé, porém, que melhor acensinhada, não tardará a retractar-se da tese mas, como já se retractou a cerca do exm. vice presidente da província, relativamente à questão da pontura de Palácio.

Tanto importa dizer hoje « que s. ex. foi iludido em sua boa fé pelo inspector da thesouraria, por ocasião da abertura do respectivo crédito » quando outrora disse em seu n.º 10 de 21 do p.º que « s. ex. tomou a si o peso da responsabilidade do elevado crédito d'aquele obra, sem que os competentes ofícios dirigidos ao sr. inspector da thesouraria de fazenda fossem escriptos em sua secretaria, porque obteve de mim que quise occultar o seu procedimento inconveniente aos empregados de sua repartição, talvez mesmo anulando o acto. »

Se entretanto o « Raio » pronunciando-se assim, feria com grave injustiça o carácter do distinto Administrador, hoje, reconhecendo seu erro, corrige-se d'ele, por meio da mais solene retractação, embora fique mais sobrecarregada a vítima, para quem convergen os raios vítreos de sua malignidade.

Ha de chegar, porém, sua vez, embora o redactor do « Raio » alimente tanta prevenção em seu espírito a respeito do sr. inspector da the-

thesouraria que « ainda quando este publique os documentos, que provem a sua honestidade, deva sempre ser considerado, como mau empregado, não podendo sobrestar qualquer conclusão desfavorável à sua dignidade e ao bom conceito em que devia ser tido, » porque o redactor do « Raio » falhou...

Neste caso, que vantagens podem resultar da publicação solicitada pelo « Raio »?

Seria melhor, em vista disto, que o sr. inspector conserve-se no silêncio, uma vez que por isso ou por nefas ha de ser necessariamente mau, e espere que o redactor do « Raio » cedendo um pouco de sua infatigabilidade, queira suspender-lhe o interdito, procedendo a respeito do exm. vice presidente.

Um único favor pedimos ao « Raio », é de não fugir das questões, preferindo explorar-se no terreno de insultos, pois nestes termos haveremos de cumprir sempre em direção diametralmente opostas, com prejuízo do que de util possa resultar da discussão.

Correspondência.

São Christovam 12 de Fevereiro de 1876.
Quanto a inspiração grandiosa de Gotthold, ergue-se imensa ante a humildade martyris, a glória de sua causa não tarda.

Bom haja a — dem...

Bom haja a dízela filha da imprensa moralizada, que vem em nome dos santos principes da justiça e da liberdade, lutar o seu protesto — entre contra os vícios doentes e calamitosos, que a longas das correm desgraçadamente impunidas em um triste e calvário sem rumo, que se passa na capital da pobreza. Oh sim, bom haja aquela, que presente os sentimentos de dignidade e de honra, apresenta-se ante o mundo com a visira erguida, chamado pela inocência dos réus e impondo a erradicação dos acusadores.

E este o magistério liberal da opinião pública que ella deve apresentar-se soberano, aberto, com a imagem em sesta da verdade, abrindo a voz cavernosa da razão que, beneficiando o mundo, traz os bens da liberdade, o direito, a justiça, que se importa, no fundo de proprio alçamento que elle serve, sepultar o seu nome e a sua peccada viva.

Desgraçada estrada é a polpa, mal e honesta, lixada e destruída pelo cão da parvulidade, vai de abuso em abuso, até chegar na cegueira.

Tais entes, se não são a estupidez, vergonha desarmada e fraude, são os malvados sacerdotes de honra, alicia, que já não tem mais consciência de sagrada a zelar na sua própria reputação, treinando a humanidade que se afasta do seu culto, o assassinato moralmente apodadas, que não pensam com a sua bacteia.

São tristes e lamentáveis os quadros que os apresentam encarregados de tão negras e reais, de degradante e cínico o papel dos principais actores desses dramas de horror, que nem sempre impressos de um prelo corrompido.

Aqui é um irmão ingrato, que fazendo o peso da ferro do assassinio, atira-se no caminho do erro imperdoável, procurando esquivar-se das suas próprias mãos o nome, a honra, o passado e o presente de seu próprio irmão.

Caim desnaturalado, elle aponta a turba a honra de seu irmão, para ser violada despedida, e mais asdar que todos, elle, em cujo coração pequeno já tem desaparecido todo o sentimento grauado, o o primeiro a rir-se com a ação onenada da calamita a reputação d'apelle, que por longos meses lhe estendeu a mão, livrando-o das garras da avarícia e da

Homen, grandiosa obra de Deus, como degrades a como te degrades!

Um pouco afastado desse quadro horrível de misérias, distante um pouco dessa cena lugubris, que se passa, para vergonha da humanidade, Caím cede a pena, com a qual cobre de labéos o nome de seu irmão e, fazendo essa entrega, adquire um seguidor violento e atrairá para a continuação da sua obra de perversidade.

O machismo da caluniosa atraçã está em movimento!

Já não é um leito malefício, que despedeça em plena praça pública os sagrados laços de sangue, são duas vidas que cosem a si contra a face de um funcionário público, de um cavaleiro distinto, que, pela nobreza dos seus sentimentos, pela pureza de seus costumes e por sua honestidade reconhecida, está superior às suas vis ciúmas.

Deslizas trânsis, almas pequenas e gastaçõe, o público já de longa data vos conhece.

Superior a vossas calculos, está a vondade dos factos; acima dos vossos projectos criminosos, vela a opinião pública; e a consciência dos verdadeiros homens de nome.

O que tens? Luto ate agora?

Acordastes por acaso que se vos prepara um pedestal, onde um dia s'aindreá a mão da histriaa collocar sobre a vossa fronte a grinalda de vitória?

Não.

Quem faz da pena a arma do assassino, quem converte a filha mimosa de Guitemberg na dissoluta das prazas públicas, quem insulta a probidade e honra, não merece a gratuidade de um povo, nem os aplausos dos homens sensatos.

Para os detractores, da honra alheia, para os pobres de sentimento, ha apenas o desprazo de mundo e o risco da contagio, que é o pavor das castigos.

Bem haja a... Ordem... que fala em nome da verdade e da justiça; bem haja o paladino que abraçou as matas da imprensa, assume o defeso de uma causa justa, e que em breves dias basta o fôr d'hoito dos pés cado e de rastros e v'li institucional da perversidade e da caluniosa.

Epaminondas.

TRANSCRIÇÃO

as duas cidades.

UNIVERSITY OF L. DA SILVA MENDES LEAL.

Paris

Tolosa

PARIS

Devotava-me um dia à banana! Bananço na banana! Contente g'z em paz, sou lento, sou Paris! Son' e'ntre a 25 mil de por, todito a França. O meu pôdegerz quia faga como eu fiz!

Bem-fortes restauri, meus teatros e templos. E' n'os engajo, que desses rivaes sou! Procurado meu valor e a mal e mal exemplo, Os danos que lastim em h'vo esquecião.

TOLOSA

Escruta-nos, Radis, A impressa é cosa. Quando os ammos t'cha' in'cessão mortal. Isto so, te dirig, L'ete, eu sou Tolosa! Temho um crepe na fronte, e no seu um penhal.

Aos ferteis meus vergais toda enlevo: sotria; Sorrin-me o l'vor das fortes povoações; Meu r'io o seu caudal por servir me trisia; Dos meus alcante cercavam-me os clarões.

De repente—oh! pavor!—na margem deleitosa, Qual aguia que desceu, qual ralo que feligiu, Uivando assusta a cheia, estoura a temba roxa, E o peso da levada a verzea se afundiu.

Viste o incendio, Paris!—Das chamas a espessura, Converte uma cidade em horrida visão, Vulcão rubido agora, e logo cinza escura! hei e... Mas ali do homem vê-se a mão,

Vê-se o homem, cruento e maleditor, mas homem! Onde quer que ruisse a claridade atreva, Seja o nome qual for que as labaredas tomam. Ao menos d'homens são. Vem d'homens como nos.

Parou a inundação, a vaga embravecida, O ceu a derreter-se, o monte a desgolar, S'ervos deu sem fundo e peço sem medula. Que anonymous se esvae em temeroso mar!

De homem nada apre, nem seger seu furores! E' mistério que só a Providencia te. E' tua condicão dos naturaes horrora. Que vao onde lhes praz, e não d'cam por que.

Que ha senão lugr? Fogo tudo a escombrar! Mas o v'zido, n'as prouas, avança, n'as n'as. Traga o que traga, e levante, a um festejo entre lados, As casas, que separam a noite a erração.

Nem l'vo, nem p'z, nem l'vo! D'cece o flagello impetuoso! O diu'zio f'zido é um supôsto l'vado! C'go a v'zida intera em r'cos de serpente, E' a v'zida a devorar os mortos, as'cas m'as.

Esse horror contempla. Vi miles já sem marido, E' os orphelos, que o deserto a cada passo leva! Os meus t'chicos vi n'as r'cas m'as enterrados, E' vi o beneficio apaz a interpretar.

Com que v'zido, com que v'zido, n'cece astucioso p'z! N'os guerreros vao inimigos polgar! Sem cheles vi correr, mas' n'as, teme o rosto, E' marret' mal herze para um hergo bizar.

A' de'z lado acorre, e cumpre o dever, todo! Mas' herha o sacrifício onde o estrago mais ruim! E' o que supremo está no gran e no denodo. A quem lhe diga: «v'zido», responde: «é l'vo!»

Paris, nada te peço. Encora-me somente, A miseria d'alguns eria, nos mais um dever. Bem tu, pôbre estou. Deus te guarde elem'nto. Saberei n'sta dor penar sem me abster.

PARIS

Bem. Volved-me an que sou esse justo, quezume! Prompta me rendo a quem se coega efficto, a mim. Das b'zuras n'p'z quando intanto o costume. Se'z bocca desce: não, o coração diz: sim!

Toma, toma este oiro, e esse o teu cuidado! Oiro das matas meus, que nos teus pertence p'z, Oiro do meu iular, que ficara medrado; Oiro de meu fruir, que pôro ficara.

Essio tos; mas agora zo l'vado v'zido a esperança. Hoja embora o porvir, comungo contia trai. Quis' duas s'ntas eras! Não, mais' s'ntas a França. E' o tempo do egoísmo e já memória v'z.

Apoz os dias mans, refleitos das precelas, Firmemos mais e mais o fraternal amor; E' as victimas contando, os frios labios d'ellas. Os nossos bejos d'alma cuanmos com terror.

VARIEDADE

A cara d'elle

Cousa celebre! Parecia-se com a cara do l'vo, menos com a sua a cara dello! Isto desconsolava-o. A principio pensou furtar-se a es' destino extravagante, que o trazia em permanente qui pro quo com a humanidade intira, e consultou, conjuntamente com o espelho, o mestre barbito que bi-semanalmente lhe ensinava os queixos,

—O sr, tem uma barba bellissima, que não se confunde facilmente com outra. Não lhe deve ficar mal... Porque a não deixa crescer?... —Dixto.

—Ora experimente —Pois entô experimento.

Mezes depois havia-se transformado prodigiosamente a cara do homem em um montão des' forme de cabellos!... Aquillo não era cara de gente, era uma vasta ceira de barbatana, grossas, cresvas e lusidas: um ourico!

T'p'lo a maneira porque se havia desfigurado.

Os amigos paravam de sair, pasmavam de vol'zido e exclamavam:

—Parce o outro, —Que mangá! —E' um filósofo, —Um porto-machado, —Um sábio da antiguidade, —Um p'z de espaldas! —Outros voltavam:

—Que herret, que espanto, que bafas... Assombrado e aturdido contemplava o conterrâneo de que uscava efectivamente protestado para não ter cara propria...

—P'z bem, pensou um dia, confundem-me pelas fózias! Distinguir-me-har pelas ações.

E' fu procar na pratica da caridade as s'ntas alegrias que ella derriava nas duas instintivamente propensas an L'vo.

Fecesse filantropo, mas legitimo e não dos que empregava a paixão e o mito, que só intencionava os p'z em contacto mas de perto.

Sofria por esse tempo a miserrima classe p'zitora todos os rigores da violenta inververa, que a tormentava, e a privava do arduo exercicio da arrebatada industria de que vive, se apurava a viver!

Soube d'alo, e c'lo que ali vai per' errando as p'zovigas costeiras. No caminho encontra, alguma que lhe disse de passagem e à distancia:

—Vai para a colada? —Vai, —Pois entô apresse o passo, que já lá é esse perido.

—Obrigado.

E o homem das barbas, supondo que já havia chegado a colada a fuma de sens-fatos, sentiu-s' lisonjado e esporeou de impaciente o macho que o conduzia.

Não o enganava efectivamente o desconhecido! Ele é que se iludira na interpretação do sentido do aviso. Do facto era esperado na colada, não por filantropo, como supunha, mas por assassinio e por ladrão!

Ladrão!...

Mal o apanharam lá, deram-lhe logo voz de preso e metteram-no entre uma escolta e que o guardava já de armas euguihadas, prompta a fazer fogo à primeira voz sobre o facinora, caso elle resistisse.

Ora o homem das barbas, coitado, não resistiu, resignou-se: aquillo era a s'nta d'ello!

A cara, o trage, o proprio macho que montava, combinavam-se da maneira diabolica em tudo com os signos do certo bandido que a polícia persogava.

Não lhe foi fac' coisa o justificar a identidade de pessoa. Sofregos de servirem à real contente as autoridades, querido-no a todo o custo assassino famigerado e não levaram à paciencia, que honeste' sido iludida a sua perspicacia oficial. Finalmente convenceram-se, mas depois do pobre homem, da filantropica criatura, ter sofrido tres extensos dias de calada, no segredo, carregado de forros e a pão e agua!

Quando saiu de lá não parecia o mesmo. Era um desenterrado!

Estava furioso. Deu o diabo ao conselho do barbeiro, e mudou de projecto, deixando apenas um forte bigode.

Passou de porta-machado a cabo da municipal. O seu todo era marcialissimo. Dil-o-iam um legitimo galanteador de creadas de servir e amas de leite. Os amigos davam-lhe os para bons p'z, e elle, coitado, sentia-se mais satisfeito, —sobretudo muito mais aliviado do peso das barbas que lhe affrontavam a cara.

Estavam as cousas n'sto estado, quando n'um bello dia presente que o amam. Certa dama, que não conhece, faz-lhe variadas visagens por detrás das persianas da janelha, n'um quarto andar; visagens a que elle corresponde, traduziç

de-as, a seu gesto, em expressões ternissimas de afectuoso amor.

Encantado pela aventura, prosegue no galanteio. Três dias depois, oferecem-lhe uma entrevista. Oh! felicidade. Com que alvoroço elle a aceita de braços abertos. A hora agradada sente-se alado ao Edén de uma Eva, na mansão mais proxima do firmamento azul do con-qüinto andar! Presente que se lhe vai entreabrir a porta d' aquella habitação de fadas, e, ruidoso de felicidades phantasticas e inebriantes, mal expõe um chiado suspiro d'alma!

A Eva, porém, que não esperava encontrar-se com um Adão que não era do seu conhecimento, mal elle se aproximou, todo risinho e sensivel, expõe um assustadizo, «ai! que não é o meu Joaquim» e dâ-lhe com a porta na cara, disendo-lhe toda entediada e afflicta através da cancella.

—Querida perdoar, sr. tomei-o por outra pessoa e illudi, sem querer o seu coração.

—O minha senhora, esses equívocos são imperdoaveis. Se não vê bem ponha oculos, mas não faça subir a geote à uma altura d'estas.

—A semelhança é realmente tão famosa como foi cruel o desengano.

—Mas...

—Querida desculpar... Com sua licença.

E fechou a porta de todo, deixando-o na escuridão.

—Orn esta... Nem vejo um palmo adiante o nariz...

Não, seu patife? Brada-lhe uma voz medonha, de algemis que o agarra violentamente.

Pois já lhos abro...

Terrible ligão. O pobre do homem sentio no ganho mão vigorosa que exercia sobre elle vingança brutalissima e atroz...

Suava já por todos os pôros. Conhecia-se que eram antigas aquellas contas que se estavam a justificar sobre as costas d'elle. Provou-o exultantemente o desgraçado.

Foram dois meses que elle esteve da cama. Tal foi a tóxa... Valentissimas bordoadas... Mais tarde, porém, teve a satisfação de ouvir o seu terrível alçor, confessar-lho arrependidissimo, que o tomara por certo magnate, que ha tempos lhe andava desinquietando a filha do bom caminho, e que o desancou a elle por engano... E teve a abnegação sublime de chamar-se a si proprio, repetidas vezes, bruto e animal, no que seja dito à boa parte, não fez favor nenhum.

Mal entrado em convalescência, tentou ainda outra metamorphose: deitou abaixo o bigode e ficou parecendo um menino de côro.

Aos que o chasqueavam por essas repetidas mudanças de barba, que o desfiguravam até aos olhos dos proprios amigos, respondia sorrindo:

—Eu só me entendo...

—Novo equívoco.

Certa manhã foi à freguezia procurar o parocho para informar-se de algumas famílias pobres que desejava socorrer. Come não estivesse presente o pastor, sentiu-se ao canto da sacristia esperando que elle viesse. Quasi ao mesmo tempo, arrastava para elle, lacrimosa, contristada e gosmenta, uma criatura idosa: ajoelhou, fiz o signo da cruz e estendeu-lhe era atitude supplianta e mãos descarnadas e nervosas.

Conbole-se, vê lagrimas n' aquelles olhos que que se estavam a murir prematuramente sob as orlas: tira de algibeira uma pequena moeda de prata e diz-lhe:

—Tome lá, matinha, e Deus a favoreça.

A mulher afasta com religiosa piedade à mão benfazeja e responde entre lagrimas:

—Não é a esmola de seu dinheiro que venho pedir mas a do seu perdão Sr. padre prior.

—Padre prior?

—Pois não é V. Rvmº o Sr. padre prior?

—Uma destas nem cura tem, quanto mais prior, grita elle, querendo levantar-se d'ali.

—Valha-me as Chagas de christo, exclama es-

pantada a bosta, levantando-se e banzendo-se tres vives, como pretendendo afastar de si algum espírito mau. Querida V. Rvm. perdoar so o offendido, mas polas dores da Virgem lhe juro que nunca parecia com a do meu prior.

Não mentia a velha, porque a esse tempo, estavam ja na sacristia uns sojutos serios, os quais participando do mesmo engano da penitente, se dirigiram a elle com o maior respeito, para que lhe abrisse o asento de baptismo de uma creança que traziam do gremio da egreja. Desengonados estes, entraram ainda outros, para que os desbri-gassem, e por ultimo, já no guarda-vento um saloio perguntou-lhe de fuzila se elle tinha alguma intenção para o dia seguinte:

—Não senhor!

—E suberica V. Rm. de alguém que me diga amanhã uma missa por alma de pessoas de minha obrigação?

—Sei ci disso!

—Eh! Isso faz increivel.. um padre assim!

—O homem, incou-lhe o outro já arreliado, faz favor de me dizer onde é que eu tenho a coroa?

—Ei esta! Pois sempre lhe digo que a escravidão para padre só lhe faltava isso!

E destas, outras muitas lhe sucederão.

Ainda agora, quando elle cumprimenta os amigos, agoramente sempre por gracejo, como para prevenir equívocos.

—Creado seu, sem engano desta vez.

Estou em dizer, que, se destes casos se dessem com impertinente frequencia, muito o comoda a gente, um só meio haveria de os evitar e era, a simelhança dos escravos que reconhecem as firmas de cada individuo, estabelecer tambem outros que reconhecesssem as caras.

E não está longe o tempo em que a dignidade humana ha de reclamar um tabellão d'astes, como outr' ora a hora da firma reclamou o tabellão publico de notas. A 16 anual ha de pedir este auxilio à 16 austera dos contractos, e tudo isto por causa das muitas caras safadas que existam neste mundo sublunar e se confundem com as dos homens de bem.

(Extrahida)

Fóra de propósito.

Localetta o despoço da extinta socieda-de de Minerva...

RECEITA

Dinheiro recebido de Canuto..... 6740

Mensalidades de cartos socios até agosto. 12000

Idem até o maz de setembro..... 10000

Juntas e mensalidades dos socios que

entrarão em 26 de setembro..... 20000

Idem das que entrarão em 9 de outubro 42000

Idem dos entradis em 19 de outubro. 42000

Dinheiro recebido para o pagado da 19

de outubro, época em que morreu a sociedade..... 51000

SOMMA 189740

DESPESA

Dinheiro ao sr. Cencio para aguá e gaz. 8320

Idem ao sr. Baptista 25000

Idem ao sr. Cencio 65480

Idem ao sr. João Paes 23500

Idem ao sr. Manuel J. Costa 83000

Idem ao sr. Cencio para alinheites 8320

Idem ao sr. Sizimio, aluguel da casa em que funcionava a sociedade desde 5 de setembro do anno p. até 12 do corrente mês a razón de 18:000 reais/mesas. 915200

Idem ao sr. Taeto 88740

Idem ao sr. Cencio 38500

Idem ao sr. Antonio Pedro 63040

Idem ao sr. Jese Gomes 38000

Idem ao sr. Constantino Moura 13920

Idem para d'uis bilhetes de doca à viuva Diancio

605000

Idem ao sr. Costa para levantar a

125000

Somma 1893020

Saldo existente 6720

ESTA TUBO DOCUMENTADA. ARACAJU 19 DE FEVEREIRO DE 1876.

O tesoureiro da Minerva.

ATTENÇÃO

Como tava Pindor
Seu infernal Cauim,
E' de bom que o senhor Odoris
Tenha tambem seu Tijolao.
Embora encalço na vés
Do covarde bairro.

EDITAL

O aferidor dos pesos e medidas do sistema actual declara aos srs. comerciantes desta Capital, que se acha aberta a afeição de hoje em diante, na casa da camara municipal, das 8 horas da tarde até as 6, isto por espaço de 30 dias.

ARACAJU 8 de Fevereiro de 1876

ANUNCIOS

Nesta typographia se dirá quem vende uma casa de tampa e telha à rua de S. Luizia nessa cidade por preço comodo.

Nesta typographia se dirá quem vende duas carroças usadas e dois animais proprios para puchar as mesmas, por preço comodo.

Nesta typographia vende-se cordas para pranno; numerção completa.

A ORDEM

Publica-se uma vez por semana.

ASSIGNATURA PARA A CAPITAL

Por um anno..... 65000

Por seis meses..... 32500

Por maz..... 6500

PARA FORA

Por um anno..... 75000

Por seis meses..... 37500

Folha avulsa..... 100

Publicações de qualquer natureza que sejam, por convenção.

TYP. DA ORDEM=RUA DE MAROMA 13